

ESPECIAL DIA INTERNACIONAL DA MULHER

com o apoio:

CIP
CONFEDERAÇÃO EMPRESARIAL
DE PORTUGAL

GRUPO BEL



A Tertúlia do Diário de Notícias desafiou dez oradoras e mais de 40 convidados a participar e assistir ao debate sobre os desafios das mulheres

TERTÚLIA DN

A EDUCAÇÃO É A MELHOR ARMA PARA EMPODERAR AS MULHERES E REDUZIR A DESIGUALDADE

Igualdade foi uma das palavras que marcou a tertúlia do DN no Dia Internacional da Mulher, realizada ontem. Garantir a independência financeira às mulheres é, consideram as oradoras, a solução para garantir a paridade entre géneros. Mas para isso é preciso conseguir uma mudança cultural e dar-lhes oportunidade de emprego, de liderança e, sobretudo, voz ativa na sociedade.

O contexto de instabilidade vivido em todo o mundo ao longo dos últimos dois anos, negativamente marcados por uma pandemia sem igual na história contemporânea, é agora agravado por uma guerra à porta da União Europeia. Em mais um Dia Internacional da Mulher, o tema do confronto bélico e as suas consequências no feminino marcaram a discussão na tertúlia "Mulheres de Portugal – Desafios para o País", organizada pelo Diário de Notícias com o apoio institucional do Grupo Bel e da CIP. O evento, que juntou dezenas de mulheres com posições de destaque na sociedade civil, no Hotel Farol Design, em Cascais, poderia facilmente resumir-se numa só palavra repetida vezes sem conta ao longo da sessão: educação. "O que temos de fazer para empoderar a mulher é educá-la, tudo passa pela educação", afirmou, perentoriamente, Marianela Mírपुरi. A fundadora da Hera, que se dedica ao empoderamento no feminino em todo o mundo, acredita que a "mudança" cultural que permitirá atingir a paridade plena depende do acesso à formação.

TEXTO FRANCISCO DE ALMEIDA FERNANDES FOTOS RITA CHANTRE e ÁLVARO ISIDORO / GLOBAL IMAGENS

continua na página seguinte



Diplomatas e líderes de empresas e de entidades públicas marcaram presença. Marco Galinha, CEO do GMG, abriu a sessão.

• continuação da página anterior

A opinião reuniu consenso alargado no painel de oradoras, que contou não apenas com Mariana Mira, mas também com Isabel Vaz, CEO do grupo Luz Saúde, Isabel Ucha, líder da Euronext, Joana Vasconcelos, artista plástica, Luísa Ribeiro Lopes, responsável pelo programa INCoDe.2030 e Luísa Pestana, administradora da Vodafone. "As mulheres que têm o conhecimento disponível, que leem e que podem ir à escola fazem escolhas mais acertadas e o mundo torna-se mais sustentável", defende Luísa Ribeiro Lopes.

Enquanto dirigente do programa público para o reforço das competências digitais da população, o INCoDe.2030, conhece bem as dificuldades femininas em singrar em setores tradicionalmente masculinos, como é o tecnológico. "É incrível como tantas mulheres aqui já disseram que foram as primeiras a chegar a um determinado lugar", lamentou, referindo-se, por exemplo, à primeira diretora do *Diário de Notícias* em mais de século e meio de história, Rosália Amorim, mas também a si mesma, a primeira mulher a liderar a entidade gestora de domínios.pt.

Embora o grau de dificuldade em atingir lugares de liderança seja

diferente consoante o setor de atividade, as oradoras consideram que são elas quem tem de trabalhar em dobro para provar ao mundo, às empresas e aos seus pares que reúnem a competência exigida. "Só 17% dos alunos universitários em cursos de tecnologia são mulheres, ainda que a maior parte dos estudantes sejam mulheres", exemplifica. Quanto ao motivo que origina essa disparidade nas faculdades, Luísa Ribeiro Lopes não tem dúvidas de que "é uma questão de estereótipos que vêm desde a infância". "Temos uma tendência muito grande de achar que existem coisas para homens e mulheres, para meninos e para meninas", aponta e sublinha o erro deste preconceito. "O nosso cérebro é exatamente igual, mas é plástico e é feito à medida que vai socializando", diz, procurando evidenciar o impacto destes "estereótipos" no desenvolvimento dos jovens.

A consequência que considera perversa está à vista quando estas estudantes chegam ao mercado de trabalho. "Não havendo oferta e se precisamos [de recrutar], temos de ir recrutar o que existe. E o que existe são mais homens do que mulheres na tecnologia", observa. Isabel Ucha compreende os obstáculos identificados pela colega de painel, já que também na área financeira

"AS MULHERES QUE TÊM O CONHECIMENTO DISPONÍVEL, QUE LEM E QUE PODER IR À ESCOLA FAZEM ESCOLHAS MAIS ACERTADAS E O MUNDO TORNA-SE MAIS SUSTENTÁVEL", DEFENDEU LUÍSA RIBEIRO LOPES, LÍDER DO .PT E PROGRAMA INCODE.2030."

se sentem desafios no recrutamento paritário. "Temos um desafio enorme. Queremos, e temos essa política, ter maior equilíbrio entre homens e mulheres, mas, de facto, a base de recrutamento continua a ser muito limitada", refere. Mas porque todos os problemas têm uma solução, a administradora da Euronext diz ser necessário "fazer um esforço maior para ir à procura das mulheres onde elas estão". Como exemplo, aponta a dificuldade recente na contratação de uma profissional para um cargo na empresa que lidera. "Temos um recrutamento que está já três meses atrasado, precisamente porque estamos à procura de uma mulher para esta posição", partilha.

Uma das soluções, além de procurar garantir que existe paridade no processo de seleção de candidaturas, passa pelo esforço das empresas em assegurar apoio ao desenvolvimento dos seus quadros. "O sucesso profissional tem de ser promovido nas organizações, temos de ter mulheres nos vários níveis [de decisão]. Fazer *coaching*, formação, motivá-las e dar-lhes a confiança para lá chegarem", apela. Este empoderamento de que fala é, também para Isabel Vaz, uma medida fundamental. "É preciso ensinar às raparigas que têm de se chegar à frente, têm de arris-

car. Isso precisa de ser treinado, precisa de ser ensinado nas escolas e [elas] precisam de exemplos de mulheres como nós, que não temos medo de nada", reforça. Por outro lado, a CEO da Luz Saúde – que tomou a decisão de batizar o hospital de Loures, em parceria público-privada, como Hospital Beatrix Ângelo – lembra ainda que "se escolherem serem donas de casa também não tem problema nenhum". O importante, acredita, é que possam ter poder de escolha e para isso é necessário que exista igualdade de oportunidades.

História escrita no masculino

Considerada uma das maiores artistas plásticas da atualidade, Joana Vasconcelos utiliza o seu sucesso profissional para evidenciar como as mulheres têm sido, na sua perspetiva, apagadas da história das artes. "Venho de uma área em que há um grande paradoxo. Cerca de 80% da representação artística no mundo é do corpo da mulher, porém, há muito menos mulheres [artistas representadas] nos museus", critica. Contrariando a ausência destas artistas dos livros, a multipremiada recorda que "sempre houve mulheres artistas em todas as épocas, mas não tiveram voz e oportunidade de expor nos sítios onde são representadas". Aliás, lamenta ainda que, aos



Isabel Vaz, CEO do Grupo Luz Saúde, desafiou as mulheres a "arriscaram mais" e "a chegaram-se à frente perante os desafios".



"Os critérios dos investimentos também já têm em conta o equilíbrio de género", adianta Isabel Ucha, CEO da Euronext.



"Faltam mulheres formadas nas áreas tecnológicas", alerta Luísa Ribeiro Lopes, presidente do .PT e coordenadora do INCoDe.2030.

50 anos de idade, tenha sido por diversas vezes a primeira do sexo feminino a alcançar o destaque artístico. "Quando cheguei a Versalhes só tinha havido homens antes de mim. No Palácio da Ajuda a mesma coisa e no Guggenheim também", enumera.

Apesar da visão negra de uma artista conhecida pelas cores garbadas das suas criações, Joana Vasconcelos afirma que o cenário começa a mudar no mundo da arte, nomeadamente com mais mulheres a

conseguirem chegar à liderança dos museus. Contudo, quando atingem esse patamar, deparam-se muitas vezes com "uma grelha de artistas a expor nos próximos anos e veem que só há homens". E porque a criação artística assenta no domínio de diferentes técnicas, cujo aperfeiçoamento depende de muito treino e formação, são elas, uma vez mais, as prejudicadas. "Chegam à fase da independência financeira e desistem, não conseguem continuar. Quando se chega



Armando Monteiro, vice-presidente da CIP, comentou o debate. Carlos Carreiras, presidente da Câmara Municipal de Cascais, encerrou a sessão e Marco Galinha deu as boas-vindas.



Luísa Pestana, administradora da Vodafone (à esquerda) e Marianela Mirpuri, fundadora da Hera, que entrega um perfume fruto do seu projeto que apoia as mulheres.

à fase mais madura, já há menos mulheres a serem artistas." Tudo porque, defende, é colocado sobre os seus ombros a responsabilidade familiar, assim como lhes é dado menos incentivo e apoio para prosseguir. "Temos de puxar umas pelas outras, isso é extremamente importante", complementa Isabel Ucha.

Quotas são mal necessário

Da política à vida empresarial, hoje a lei portuguesa reconhece a necessidade da existência de quotas para garantir que homens e mulheres caminham, a pouco e pouco, em direção à igualdade de oportunidades. Para Isabel Vaz, que comentava a existência de discriminação ao nível dos ensaios clínicos no mundo da ciência, a exclusão de metade da população "é uma manifestação de incompetência científica". Sobre as quotas, assume que "inicialmente era contra porque não há nada pior para uma mulher do que pensar que está num determinado cargo por ser mulher", mas considera que esta é uma ferramenta para "acelerar" a mudança sem colocar em causa a meritocracia. Do mesmo modo, Joana Vasconcelos defende o mecanismo como importante, ainda que classifique a sua necessidade como "completamente ridícula".

por evidenciar que a desigualdade entre géneros é, ainda, uma realidade latente na sociedade.

A administradora da Vodafone, Luísa Pestana, afirma que na empresa de telecomunicações o equilíbrio de géneros é de 40% para mulheres e 60% para homens, registando uma evolução positiva ao longo dos últimos anos. "É sempre difícil ter mulheres na *short list* de recrutamento", aponta. Por isso, é essencial que as empresas possam "requalificar recursos que tenham trabalhado noutras áreas" e que possam ser redirecionados para profissões onde eles ainda dominam. "É preciso uma mudança cultural. Os homens têm de perceber que terequipas mistas e equilibradas resulta numa *performance* certamente diferente", observa. "Também não gosto muito das quotas, mas acho que são necessárias para chamar a atenção que temos de olhar para todos os elementos da equipa", diz. A gravidez, por exemplo, não deve ser vista como um impedimento quer para a contratação quer para uma eventual promoção. "Isso não nos impede de promover e de apostar em mulheres que vão fazer a diferença na Vodafone. Se encontrarmos uma candidata grávida, esperamos por ela", assegura.

dnot@dn.pt

"É PRECISO ENSINAR ÀS RAPARIGAS QUE TÊM DE SE CHEGAR À FRENTE, TÊM DE ARRISCAR. ISSO PRECISA DE SER TREINADO, SER ENSINADO NAS ESCOLAS E [ELAS] PRECISAM DE EXEMPLOS DE MULHERES COMO NÓS, QUE NÃO TEMOS MEDO DE NADA", DIZ ISABEL VAZ, CEO DO GRUPO LUZ SAÚDE."



ID: 97986569

09-03-2022

UMA INICIATIVA

DN

A cultura, a pandemia e a guerra na Ucrânia, com efeitos devastadores nos direitos das mulheres, foram temas de conversa com a artista plástica Joana Vasconcelos.



"ESTA GUERRA ESTÁ A DIVIDIR OS HOMENS E AS MULHERES"

As palavras são de Joana Vasconcelos, que vê no conflito armado na Ucrânia uma diferença difícil de compreender: são elas quem foge com os filhos, enquanto eles são obrigados a ficar e a lutar na linha da frente. As mulheres "devem ter sempre liberdade de escolha".

Se o painel das "Mulheres de Portugal – Desafios para o País" deixou clara a importância de garantir à população feminina o acesso à educação e ao conhecimento, a interação com o público que assistia levantou novas questões. A guerra na Ucrânia e os seus efeitos nas cidades e cidadãos foi um dos temas mais debatidos durante a tertúlia com participação da assistência. A ex-ministra da Saúde Maria de Belém Roseira fez questão de intervir para alertar para a situação vivida naquele país, mas sobretudo para contrariar a ideia de que a igualdade de género seja uma questão importante para quem se encontra em situação de emergência humanitária. "Na Ucrânia há um problema de escolha entre a vida e a morte e aí não se coloca a questão dos papéis atribuídos a mulheres e a homens", sublinhou. Por outro lado, reconhece que "as mulheres e as raparigas são usadas para pressionar os homens e para os dobrar quando se quer obrigá-los a fazer qualquer coisa".

Armindo Monteiro, vice-presidente da CIP e o único homem sentado no painel de debate, diz não ver "nenhuma diferença entre homens e mulheres" no setor

militar. Acredita que o papel da defesa é tradicionalmente entregue aos homens em jeito de "sacrifício" e defende que elas podem ter um papel importante noutra dimensão da guerra. "Onde sinto falta das mulheres não é no campo de batalha, é à mesa das negociações", afirma. Marco Galinha, CEO do Global Media Group, complementa que "se houvesse mais mulheres a mandar no mundo, tínhamos mais paz". Enquanto Maria de Belém diz ser necessário "pensar naquelas pessoas que não têm os problemas resolvidos como os temos", aludindo a países onde as mulheres dependem de autorização do marido para viajar, por exemplo, Joana Vasconcelos discorda frontalmente. "Enquanto houver mulheres privadas da sua independência e da sua liberdade, todas nós não estamos bem", garante. Sobre os efeitos do conflito militar na Ucrânia, mas também outros – como o do Afeganistão –, lembra a presença feminina nos campos de refugiados, onde estão "completamente desprotegidas" e impedidas de "continuar com as suas vidas profissionais".

"Vemos as mulheres partirem com os mais velhos, com as crianças, com os animais, e vemos os

homens a ficar. Onde é que está a igualdade de género aqui?", questiona Mariana Mirpuri. "Não estou a dizer que não há mulheres a lutar, mas está a determinar-se o papel do homem e da mulher", complementa. Helena Ferro de Gouveia, investigadora sobre assuntos militares e liderança, quis também deixar a sua perspetiva sobre o tema e recusar a ideia de que as mulheres não estão na linha de combate. "Já há 36 mil mulheres a combater na Ucrânia, muito mais do que no exército da NATO ou no norte-americano", observa. Ainda assim, concorda que "as mulheres são sempre as maiores vítimas da guerra" e que é necessário que aquelas que vivem em "privilégio" continuem a apoiar quem vê os seus direitos e garantias violados.

O vice-presidente da CIP – entidade responsável, em conjunto com a Nova SBE, pelo Programa Promova, de formação para a liderança no feminino – teme ainda que o regresso do confronto bélico ao velho continente signifique um retrocesso nas conquistas pela igualdade de género. "O que me preocupa é que o mundo fique mais masculino", diz, em referência àquilo que considera ser um eventual abrandamento do inves-



"Enquanto houver mulheres privadas da sua independência e da sua liberdade, todas nós não estamos bem", diz Maria de Belém Roseira.



Para Marta Betanzos, embaixadora de Espanha (uma das três diplomatas presentes) "é chocante ver que mulheres e crianças são vítimas da guerra".



Sandra Ribeiro, presidente da Comissão para a Cidadania e a Igualdade de Género na abertura, com Rosália Amorim, diretora do DN.

timento em políticas sociais em detrimento de um maior investimento em armamento. De regresso à plateia, maioritariamente preenchida por mulheres em altos cargos empresariais e políticos, a embaixadora de Espanha em Portugal, Marta Betanzos Roig, afirma que "a história não se pode repetir mais uma vez", lamentando as imagens que chegam do leste da Europa. "Para mim o que é francamente chamativo é que estamos a

assistir a imagens em que as mulheres e as crianças são as vítimas deste conflito", apontou, visivelmente incomodada com a situação humanitária que aquele povo enfrenta.

Combater a desigualdade nas empresas

Apesar da situação de guerra vivida nas últimas duas semanas, é importante não descurar a batalha diária das mulheres nos corredo-



A tertúlia do DN decorreu no Hotel Farol Design, em Cascais, que recebeu meia centena de participantes.



Rita Faden, presidente da FLAD, pede que se faça mais pela igualdade.

res do poder empresarial, acreditam as oradoras e intervenientes. Isabel Ucha, da Euronext, aproveitou o momento para partilhar os avanços das organizações na igualdade de género que têm sido motivados, em parte, por uma alteração das prioridades dos investidores. À semelhança do que acontece com a sustentabilidade, que começa a ser uma exigência dos investidores para financiarem a atividade das empresas, o mesmo começa a verificar-se com a paridade. "Listámos este ano o primeiro fundo de investimento em que as empresas são escolhidas exclusivamente pela igualdade de género. Há um enorme progresso que está a ser feito", assegura a especialista em finanças.

A preocupação com as questões sociais – como o equilíbrio de género nos órgãos de gestão, as políticas de promoção da igualdade ou o balanço entre vida profissional e pessoal – inclui ainda a justiça salarial. Luísa Pestana, administradora da Vodafone, garante que esta é uma preocupação do *player* das telecomunicações, onde a política de transparência em relação aos ordenados é uma regra. "Esta análise é feita todos os anos. Hoje em dia, essa diferença [salarial entre homens e mulheres] foi estreitando e, nos últimos anos, a diferença é de menos de 5%", confirma. A líder da Luz Saúde, Isabel Vaz, recusa a ideia de que os gestores discriminem colaboradores e colaboradoras através do salário, por considerar que não faz sentido do ponto de vista da gestão. "Se uma mulher é muito boa naquilo que faz, não passa pela cabeça de uma empresa normal, que tem acionistas, prejudicá-la", defende. A verdade dos números, porém, confirma aquilo que muitas das mulheres presentes consideram ser necessário: ainda há um caminho a percorrer. De acordo com a Pordata, as trabalhadoras perdem, anualmente, a remuneração equivalente a 51 dias de trabalho, uma situação que todas as oradoras e intervenientes pedem que seja alterada com mais transparência nas políticas salariais.

dnot@dn.pt

"ESTAMOS NUM MOMENTO DE RUTURA"

Carlos Carreiras Em ambiente familiar, o presidente da Câmara de Cascais assume que sente na pele a desigualdade de género, uma vez que é praticamente um homem entre mulheres. Foi com sentido de humor que Carlos Carreiras iniciou o seu discurso de encerramento na conferência "Mulheres de Portugal – Desafios para o País", para depois abordar assuntos mais sérios. A propósito do Dia Internacional da Mulher, o autarca quis deixar a mensagem de que, atualmente, não é possível desperdiçar competências ao colocar de lado as mulheres em muitas atividades profissionais. "As mulheres têm muito mais foco e capacidade de sacrifício", garante. O desperdício do talento é, para Carlos Carreiras, um tremendo erro que as sociedades, em pleno século XXI, ainda continuam a cometer. De facto, reforça, "nessa matéria estamos muito descompensados, temos desperdiçado muito mais talento nas mulheres do que nos homens".

Num momento de rutura, como aquele que vivemos, depois de uma pandemia e com uma guerra na Europa, são as mulheres que, uma vez mais na história, demonstram as suas capacidades para antecipar, perceber e lidar com a mudança. Aliás, acredita o autarca, "se o poder estivesse mais nas mulheres, teríamos muito menos guerras". Nas últimas semanas, diz Carreiras, fala-se nas mulheres como as principais vítimas da guerra porque têm de fugir, com os filhos nos braços, deixando para trás os homens que ficam para combater. E este não é um sinal de fraqueza, pelo contrário. "Acredito que seja muito mais difícil fugir de uma guerra com os filhos nos braços do que estar nos campos de combate", salienta. O autarca não vê as mulheres como as maiores vítimas. "Não podemos generalizar." Em Cascais, por exemplo, foram acolhidas raparigas e mulheres afegãs, e agora começam a chegar também as ucranianas e "não é a mesma coisa". Apesar de todas serem refugiadas, não estão nas mesmas condições. Mas, reforça, "a sensibilidade, a resiliência e a capacidade de adaptação são forças comuns a todas".

"LISTÁMOS NESTE ANO O PRIMEIRO FUNDO DE INVESTIMENTO EM QUE AS EMPRESAS SÃO ESCOLHIDAS EXCLUSIVAMENTE PELA IGUALDADE DE GÉNERO. HÁ UM ENORME PROGRESSO QUE ESTÁ A SER FEITO", REFERE ISABEL UCHA, LÍDER DA EURONEXT.

UM DESAFIO PARA A MULHER, UM DESAFIO PARA O PAÍS?

DOZE PERSONALIDADES PRESENTES NA TERTÚLIA DO DN, QUE MARCOU O DIA INTERNACIONAL DA MULHER, FORAM DESAFIADAS A RESPONDER A DUAS QUESTÕES:

1 – QUE MENSAGEM GOSTARIA DE DEIXAR ÀS MULHERES?

2 – QUAL O MAIOR DESAFIO PARA PORTUGAL NA NOVA LEGISLATURA?

DEPOIMENTOS RECOLHIDOS POR INÊS DIAS



1 Começou uma maratona e vamos a meio: ainda há um longo caminho por percorrer. A mensagem que eu quero deixar é que sou completamente favorável relativamente às mulheres nas empresas e no controlo do mundo, pois só assim podemos ter menos guerras e mais paz. As mulheres estão todas de parabéns e oxalá que haja mais percepção da necessidade de ter mais mulheres nas empresas, na política e noutros quadros de alta responsabilidade.

2 O grande desafio é que o senhor primeiro-ministro esteja sensível para pôr em marcha o plano que ele também iniciou. Tem executado muito bem o plano de apoio e integração da mulher nos quadros na política, portanto é só dar continuidade a esse trabalho.

Marco Galinha
CEO Global Media Group



1 Nunca desistam, nunca tenham medo de afirmar as suas opiniões e sejam aquilo que escolherem ser.

2 Na próxima legislatura, na área da igualdade de género, o desafio é alcançarmos as metas que estão pensadas. Relativamente ao resto, o que eu espero é que a guerra na Ucrânia acabe rapidamente porque estamos todos a ver e a sentir que a guerra no século XXI é bastante mais perigosa que as guerras do século XX. Tem um potencial destruidor e destrutivo absolutamente incomensurável e portanto aquilo que eu desejo é que esta guerra acabe depressa, até porque ao sofrermos o impacto dela, todos os objetivos de desenvolvimento que definimos vão ficar para trás.

Maria de Belém Roseira
Ex-ministra da saúde



1 Tanto nós mulheres como os homens temos algo a fazer todos os dias naquilo que é a nossa profissão e no nosso dia a dia para o tema da igualdade de género. Todos nós temos algo que devemos fazer e devemos refletir todos os dias naquilo que possa ser o impacto que devemos criar na vida das outras mulheres.

2 Há vários desafios na economia, na saúde, nos temas da violência. Estes são temas em que faz sentido pensar porque embora se tenham dado vários passos significativos nos últimos anos ainda há muito a fazer. O tema da violência e da igualdade de género são alguns dos exemplos, mas também na saúde ou na economia há muitos desafios que nos próximos quatro anos vão ser importantes.

Luísa Ribeiro Lopes
Presidente do .PT



1 Este dia é especialmente marcante para mim. Penso que neste contexto quero deixar uma mensagem de muita força e de muita esperança no futuro. Nunca desistir, nunca baixar os braços.

2 Na próxima legislatura a prioridade deve ser não só a economia, mas a igualdade de género. Esta nova legislatura pode ajudar muito a promover e a impulsionar a igualdade de género, mas isto não é um desafio no imediato, é um desafio para o futuro. Não num futuro tão próximo, mas sim nos próximos anos e nas próximas gerações.

Eugénia Esteves
Grupo Sonae



1 Neste dia em que supostamente é o dia internacional da mulher, gostaria de dizer todos os dias são dia da mulher e que elas nunca se esquecessem disso. Nós merecemos ter um dia todos os dias.

2 Os desafios para Portugal são os desafios globais. Nós hoje em dia não podemos falar de Portugal, Europa, porque infelizmente o reflexo de tudo o que se passa no mundo é global e afeta todas as mulheres de todo o mundo. Penso que o maior desafio quer seja em Portugal ou em qualquer parte do mundo é o desafio da educação. Nós temos de educar a mulher para que ela saiba o que é ser mulher, qual é o privilégio de ser mulher, a que é que ela pode aspirar.

Mariana Mirpuri
Fundadora da Hera



1 A minha mensagem é que as mulheres tenham atitude de confiança, sejam positivas e que apostem na sua formação porque vai ser essencial para progredirem e terem sucesso na vida.

2 O maior desafio vai ser continuar a investir na formação dos nossos jovens e das nossas crianças, para que eles se possam tornar esclarecidos, bem-formados e para que possam ser a base para todos termos um futuro melhor.

Rosa Silva
Partner da consultora Abylos



1 Temos que seguir em frente nesta luta para a igualdade e neste mundo cheio de surpresas, como podemos ver hoje, que vivemos na Europa uma horrível guerra. Temos de seguir sempre e mostrar a nossa solidariedade às mulheres do mundo inteiro. Agora as mulheres da Ucrânia precisam da nossa ajuda e aqui em Portugal posso ver que o país abre os braços aos refugiados.

2 Vejo que o governo português está a fazer muitas coisas para sobreviver à crise derivada da pandemia. E agora temos uma nova crise – a de migração. Estou muito contente e feliz por estar aqui em Portugal para partilhar estes momentos tão difíceis.

Anita Trsic
Embaixadora Croata



1 Este é um dia que importa celebrar porque apesar de termos um normativo legal onde as mulheres são iguais aos homens, na prática continuam a existir desigualdades quer seja a nível salarial, no dia a dia e na forma como a mulher ainda é vista. O que eu gostava de deixar como mensagem, dirigida às mulheres que conseguiram conquistar o seu espaço é: cada degrau que subam levem outra mulher pela mão.

2 Há um desafio económico visto que estamos a sair de uma pandemia e estamos em plena guerra. Caberá ter aqui um esforço de convergência, um conjunto de medidas que visem atenuar o impacto económico dos cidadãos e para as mulheres que são as mais afetadas.

Helena Ferro Gouveia
Administradora GMG



1 Neste dia em particular nós temos de olhar para o mundo, para esta guerra na Europa e para as mulheres refugiadas: as que têm de fugir e as que ficam em circunstâncias tão difíceis. Vale a pena pensar em todas essas mulheres e batalhar para que tenham os mesmos direitos e condições para atingirem os seus sonhos.

2 O desafio continua a ser criar condições para que todas as mulheres possam desenvolver a sua vida de forma equilibrada e que os homens sintam que isto só acontece com uma evolução do seu lado. Ainda, que percebamos que todas as direções da vida, nomeadamente o apoio à família, também lhes diz respeito e só com esse equilíbrio as coisas podem mudar.

Assunção Cristas
Professora de Direito



1 Esta é uma mensagem para as mulheres e para os homens. Nós educamos as nossas filhas/os, para elas serem perfeitas e eles serem corajosos. Eu gostava que todos fossemos educados para a coragem e todos para a perfeição, mas moderadamente. Isso traria uma igualdade de oportunidades. Temos de ser mulheres menos presas ao perfeito e mais presas à coragem. Todas temos medo, mas na verdade vencer o medo é um exercício que se faz e pode fazer com que tenhamos sucesso.

2 Um dos desafios que eu considero importante é a carga de trabalho que nós temos em Portugal. Enquanto formos considerados bons trabalhadores por trabalharmos muito tempo vai haver desigualdade.

Joana Pereira
CEO e cofundadora da In-Vest



1 Otimismo e esperança num mundo melhor em que as mulheres são fundamentais: toda a estrutura mental, a forma de pensar, a forma de agir. Neste mundo e na situação em que vivemos, que é uma guerra essencialmente de homens, o papel da mulher é cada vez mais fundamental.

2 Os maiores desafios vão ser conseguir recuperar de uma crise económica e continuar num caminho de progresso e de evolução sustentada. Quer do ponto de vista das reformas que é necessário introduzir, quer toda a posição que a mulher ocupa, bem como a recuperação económica e questões ambientais.

Carla Padrel de Oliveira
Reitora Universidade Aberta



1 Muito já fizemos e percorremos um caminho longo que foi difícil, mas ainda há muito a fazer e a igualdade não é uma realidade, nem no nosso país nem no mundo. Enquanto a igualdade não for uma realidade, cada uma de nós tem um papel e tem uma responsabilidade para fazer a diferença e para construir um mundo melhor para as futuras gerações, para que as mulheres mais novas possam ter mais oportunidades, mais equidade e mais igualdade.

2 O principal desafio é a economia porque o enquadramento internacional é muito desfavorável. Temos que conseguir ter crescimento económico, para termos melhores salários, mais rendimentos e aumentar o PIB.

Sofia Ferreira
Diretora de Vendas da Organon



Diário de Notícias

www.dn.pt / Quarta-feira 9.3.2022 / Diário / Ano 158.º / N.º 55 840 / €1,40 / Diretor-geral editorial Domingos de Andrade / Diretora Rosália Amorim / Diretor adjunto Leonídio Paulo Ferreira / Subdiretora Joana Petiz

GUERRA

GOVERNO VAI DEVOLVER GANHOS DE IVA NO IMPOSTO SOBRE PRODUTOS PETROLÍFEROS TODAS AS SEMANAS

Novo mecanismo de devolução vai substituir a atual redução de dois centimos por litro de gasolina e um centimo por litro de gasóleo em ISP, que vigorava desde outubro. PÁGS. 4-9

SANÇÕES

Sete empresas com a corda ao pescoço se gás russo cessar

ESTRATÉGIA

Zelensky prepara a paz com promessa de guerra "até ao fim"

DIÁRIO DE GUERRA

"Conseguem olhar nos olhos os vossos filhos depois do que estão a fazer?" PEDRO CRUZ ENVIADO A LVIV



Resistência ucraniana continua apesar dos avanços russos.



JOANNA PILECKA
EMBAIXADORA DA POLÓNIA

"Para não financiar a agressão militar temos de parar de comprar o gás e o petróleo à Rússia"

ANATOLI STEPANOV / AFP

ESPECIAL DIA DA MULHER



TERTÚLIA DN

Caminhos para a igualdade de género e de oportunidades em tempos de covid e de conflito na Ucrânia

"A educação é a melhor arma para empoderar as mulheres", apontam todas as oradoras

12 testemunhos sobre os grandes desafios para o sexo feminino

PÁGS. 13-20



Marcelo completa hoje seis anos em Belém marcados pela pandemia e o fim da paz na Europa PÁGS. 10-11

200 milhões de viagens a menos nos transportes públicos durante um ano PÁG. 24



ENCOSTA DAS PERDIZES

D.O.C. ALENTEJO

SEJA RESPONSÁVEL. BEBA COM MODERAÇÃO.

